

A NAU DOS INSENSATOS

SEBASTIAN BRANT

A NAU DOS INSENSATOS

Tradução
Karin Volobuef

1ª edição

OCTAVO

São Paulo 2010

A nau dos insensatos
Sebastian Brant

Ilustrações
Atribuídas a Albrecht Dürer

Copyright © 2010 Editora Octavo Ltda.

Título original: *Das Narrenschiff*

Tradução
Karin Volobuef

Capa
João Baptista da Costa Aguiar

Projeto gráfico e editoração eletrônica
Oficina das Letras, Ida Gouveia

Revisão
Rosana de Angelo

Grafia atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Brant, Sebastian, 1458-1521

A nau dos insensatos / Sebastian Brant ; tradução Karin Volobuef. – 1. ed.
– São Paulo : Octavo, 2010.

Título original: Das Narrenschiff.
ISBN 978-85-63739-00-1

1. Prosa alemã I. Título.

10-06917

CDD-831

Índices para catálogo sistemático: 1. Prosa : Literatura alemã 831

2010

Todos os direitos desta edição reservados à:

EDITORA OCTAVO Ltda.
Rua dos Franceses, 117
02329-010 São Paulo SP
Telefone (11) 3262 3996
www.octavo.com.br

SUMÁRIO

Introdução – Karin Volobuef.....	13
O autor	16
A tradução.....	17
Prólogo à <i>Nau dos Insensatos</i>	21
Dos livros inúteis.....	27
Dos bons conselhos	29
Da cobiça.....	31
Das novas modas.....	33
Dos insensatos velhos	35
Da educação adequada.....	37
Dos que causam a discórdia	41
Não seguir conselhos	43
Dos maus costumes.....	45
Da verdadeira amizade	47
Desprezo pela Sagrada Escritura	49
Do néscio imprudente.....	51
Dos arroubos amorosos	53
Da insolência contra Deus.....	59
Dos planos disparatados	61

Da gula e vida desenfreada.....	63
Da riqueza inútil.....	67
Do serviço para dois senhores.....	69
Do falatório exagerado	71
De tesouros encontrados	75
Da depreciação alheia e do fazer próprio	77
A doutrina da sabedoria.....	79
A excessiva confiança na sorte	81
Da preocupação em demasia.....	83
O tomar emprestado	85
Os desejos desnecessários	87
O estudo desnecessário	91
A palavra contra Deus	93
Da soberba.....	95
Das muitas prebendas	97
Do adiamento.....	99
Da vigilância das mulheres.....	101
Do adultério	103
Dos néscios incorrigíveis.....	107
Do encolerizar-se facilmente.....	109
Da obstinação.....	111
Do revés da sorte	113
Dos enfermos insubordinados.....	115
Das intenções declaradas	119

Em companhia de néscios	121
Não dar atenção a todas as conversas	123
Das zombarias.....	125
Desprezo pela alegria eterna	127
Algazarra na igreja	129
Da desgraça voluntária.....	131
Dos néscios no poder	133
Do caminho da salvação.....	137
Uma nau com companheiros de guilda	139
O mau exemplo dos pais.....	143
Dos prazeres terrenos	145
Ocultar segredos.....	147
Casamento por dinheiro.....	149
Da inveja e ódio	151
Não aceitar críticas	155
Da medicina inepta	157
Do fim do poder	159
Da providência divina	163
Esquecer de si mesmo.....	167
Da ingratidão	169
Da presunção	171
Da dança	173
Da serenata noturna.....	175
Dos mendigos	177

Das mulheres maldosas.....	181
Da observação das estrelas.....	185
Da exploração de todas as terras.....	189
Não querer ser insensato.....	195
Levar as brincadeiras a mal	199
Querer praticar o mal sem sofrer consequências.....	201
Não ser previdente.....	203
Brigar e levar querelas ao tribunal.....	205
Dos insensatos grosseiros.....	207
Entrar para o clero.....	211
Das caças inúteis.....	215
Dos maus atiradores	217
Das grandes bazófias	221
Dos jogadores.....	225
Dos insensatos coagidos.....	229
Bandoleiros e amanuenses	231
Das mensagens disparatadas.....	233
De cozinheiros e adegueiros	235
Da ostentação dos camponeses	239
Do desprezo pela pobreza.....	243
Da perseverança no bem	247
Não prever a morte	249
Do desprezo de Deus.....	255
Das blasfêmias contra Deus	259

Das pragas e castigos de Deus.....	261
Da troca insensata	263
Honrar pai e mãe.....	265
Da tagarelice no coro	269
Arrogância e vaidade.....	273
Usura e especulação.....	277
Da expectativa de receber heranças.....	279
Do desrespeito aos feriados	281
Presentear e arrepender-se.....	285
Da indolência e preguiça.....	287
De insensatos estrangeiros.....	289
Do declínio da fé.....	291
Escovar o cavalo amarelo.....	297
Do cochicho ao ouvido	301
Da falsificação e do logro	303
Do Anticristo.....	307
Calar a verdade.....	311
Dos obstáculos ao bem	315
Do esquecimento das boas obras	319
Da recompensa da sabedoria.....	321
A nau da Cocanha	325
Do desdém pelo infortúnio.....	331
A difamação do bom.....	333
Desculpa do poeta	335

O homem sábio	339
Final de <i>A nau dos insensatos</i>	341
ANEXO	
Dos maus hábitos à mesa	343
Dos insensatos no carnaval.....	348
Protesto	351

INTRODUÇÃO

KARIN VOLOBUEF

A NAU DOS INSENSATOS

A nau dos insensatos (1494), de Sebastian Brant (1457-1521), foi escrito como longo poema satírico, de perspectiva moralizante, em que o autor aponta com dedo crítico e irônico para a sociedade de seu tempo, denunciando as falhas e vícios tanto da nobreza quanto do vulgo, não poupando Igreja, Justiça, universidades e outras instituições. Em 112 capítulos,¹ cada qual dedicado a um tipo de insensato ou louco, Brant censura os excessos e o desleixo, a avidez por dinheiro e a falta de escrúpulos, a perda da fé e o desinteresse pelo cultivo do intelecto. Em contraste com os sábios e prudentes, os insensatos desfilam pelas páginas do texto deixando evidente sua arrogância, grosseria, leviandade, indolência, gula, mentira, violência... Enfim, sua falta de juízo e ponderação.

Com isso, o texto revela-nos um panorama vívido dos costumes do final do séc. XV: os seresteiros noturnos sendo afugentados da janela com o conteúdo dos pinicos; a falsificação de dinheiro e a adulteração do vinho; o mensageiro ébrio que não consegue recordar a notícia que deveria transmitir; os exageros e o desconforto da moda mais recente; os

1. Os 112 capítulos da edição de 1494 foram mais tarde complementados com dois capítulos adicionais na edição de 1495, e com um "Protesto" na de 1499, em que o autor se digladiava com as edições pirateadas de sua obra. Esses capítulos adicionais encontram-se no Anexo.

fiéis trazendo para dentro da igreja seus cães perdigueiros e gaviões de caça; a mania de falar impérios e lançar maldições. Para Brant, são tolos os pais que não repreendem os filhos quando necessário, assim como os filhos que não respeitam seus pais. Igualmente é um néscio o homem que não se prepara espiritualmente para a morte ou que não se preocupa com a salvação de sua alma. Imprudente é tanto aquele que fica à espera de receber heranças, como o outro, que apaga o incêndio do vizinho enquanto sua própria casa é tomada pelo fogo. Quem compra fiado é tão parvo quanto aquele que assume vários cargos ao mesmo tempo.

Brant, porém, inclui a si próprio na ciranda dos néscios: com isso, não apenas assume uma postura autocrítica, como incorpora algo da figura do bobo da Corte, que tem liberdade para falar as mais ousadas verdades sobre todos, doa a quem doer. Com audácia e franqueza – as quais tempera com refinada erudição –, Brant passa da religião à ciência, da vida cotidiana ao arsenal da cultura greco-romana, da retórica à política. Suas palavras vibram de indignação, mas também estão repletas de bom humor.

A eloquência desse amplo e diversificado panorama é reforçada pelas ilustrações que acompanham cada capítulo. O grande pintor e gravurista Albrecht Dürer (1471-1528), expoente do Renascimento alemão, é considerado o autor de talvez três quartos das imagens. Fora ele, outros dois ou três artistas produziram as demais ilustrações.

A nau dos insensatos obteve sucesso imenso junto aos leitores! Apesar de publicado quando o livro impresso ainda era uma invenção relativamente recente (a imprensa de Gutenberg é de 1440), havendo poucos livros e de preço muito alto, o texto de Brant ganhou imediata notoriedade. Em vinte e sete anos, até a morte do autor, o livro, em alemão, foi editado quinze vezes.

E quem não leu *A nau dos insensatos* deve tê-lo ouvido dos pregadores nos púlpitos. Um exemplo disso é o orador Johann Geiler von Kaysersberg, que em 1498/1499 usou o texto em um ciclo de 100 prédicas. Outro contemporâneo de Brant,

Jacob Wimpfeling, chegou a propor que o livro fosse adotado como leitura obrigatória nas escolas.

Logo surgiram traduções para várias línguas – em uma época na qual a tradução ainda não era prática corrente. Em 1497 foi publicada uma tradução para o latim com o título *Stultifera navis*, feita por de Jakob Locher (Philomusus), ex-aluno de Brant. Esta versão serviu de base para as traduções para o francês por Pierre Rivière (1497), Jean Drouyn (1498) e autor anônimo (1499); para o holandês por Hans van Ghetelen (1497) e Guy Marchant (1500); para o inglês por Alexander Barclay e Henry Watson (ambas de 1509). Aliás, o livro de Brant foi a primeira obra da literatura alemã a ser vertida para o inglês!

O impacto de *A nau dos insensatos* inaugurou uma nova e fecunda vertente: a literatura dos néscios ou loucos. Integrando essa vertente estão obras e criações como: *O elogio da loucura* (1511), de Erasmo; *Rei Lear* (aprox. 1606), de Shakespeare; *O aventureiro Simplicissimus* (1667), de Grimmelshausen; certas figuras da *Commedia dell'arte*; *Leonce e Lena* (post. 1842), de Georg Büchner; *Ship of Fools* [*Nau dos insensatos*] (1962), de Katherine Anne Porter.

No âmbito da literatura em língua portuguesa destaca-se *O auto da barca do inferno*² (encenada em 1517), em que Gil Vicente promove igualmente uma análise severa da sociedade do séc. XVI: fidalgo, onzeneiro, parvo, sapateiro, frade, alcoviteira, judeu, corregedor, procurador, enforcado e quatro cavaleiros procuram ser aceitos pelo Anjo na Barca da Glória. Nela, porém, só entram os quatro cavaleiros, que morreram por Cristo, enquanto os demais (exceto o parvo) são levados pelo Diabo à Barca do Inferno.

Tanto Gil Vicente quanto Brant condenam com severidade o apego aos bens e a busca contumaz dos prazeres do mundo, ridicularizando as várias castas sociais e os defeitos humanos. Em Gil Vicente, o parvo é figura simples e autên-

2. A peça integra a “trilogia das barcas”: *O auto da barca do inferno*, *O auto da barca do purgatório* e *O auto da barca da glória*.

tica, cujos erros (conforme expresso pelo Anjo) não merecem a danação porque não nasceram da malícia. Brant, tampouco, condena os insensatos devido a sua mera insensatez: para ele, estão destinados ao fogo do inferno aqueles que, tendo sido advertidos (conforme é o objetivo de *A nau dos insensatos*), insistem na sua tolice ao invés de buscarem o caminho da verdade e sabedoria – a ser encontrado apenas na palavra de Deus.

O AUTOR

Sebastian Brant nasceu em 1457 na cidade de Estrasburgo, que na época fazia parte do Império Romano-Germânico. Em 1475 iniciou o estudo de Direito e Línguas Clássicas na Universidade da Basileia, onde se formou como bacharel em 1477 e como licenciado em 1484. No ano seguinte casou-se com Elisabeth Burg, com quem teve sete filhos. Concluído o Doutorado em 1489, assumiu uma cátedra na mesma Faculdade, passando a lecionar Direito Canônico e Direito Romano (ou Civil). Ao mesmo tempo, atuava como advogado e juiz. Em 1499, a Basileia foi acolhida na Confederação Suíça, separando-se do Império, o que levou Brant, em 1500, a mudar-se de volta para Estrasburgo. Lá desempenhou diversos cargos públicos, sendo inclusive, em algumas ocasiões, chamado a atuar como conselheiro do imperador Maximiliano I. Quando faleceu, em 1521, era o autor alemão mais renomado em toda a Europa.

Além de *A nau dos insensatos*, a obra de Brant ainda inclui escritos jurídicos (*Expositiones sive declarationes omnium titulorum iuris*, 1490), coletâneas de poemas (*Carmina in laudem Mariae*, 1494; *Varia carmina*, 1498), edição de obras de Santo Agostinho (1489), Virgílio (1502) e outros autores clássicos, além de traduções, panfletos, etc.

Brant era católico fervoroso, não tendo quaisquer inclinações reformistas (o que não impediu que muitas de suas críticas fossem, mais tarde, absorvidas pela Reforma de Lutero). Suas críticas à Igreja pretendem ser um apelo para que ela

elimine a corrupção e os desregramentos que, na época, andavam à solta em todos os seus escalões. Assim, *A nau de insensatos* pode ser entendida como metáfora para a nave da igreja: do ponto de vista de Brant, a religião estaria desgovernada e vergada sob o peso dos desatinos de clérigos e fiéis, rumando às cegas para o Juízo Final (Anticristo). Brant conclama seus leitores à aceitação incondicional da doutrina cristã, à devoção fervorosa a Deus, à purgação dos pecados e à moralização dos costumes – nisso estaria a verdade e a sabedoria, que deveriam ser buscadas por todos.

A TRADUÇÃO

A presente tradução foi elaborada a partir da edição em Frühneuhochdeutsch [pré-novo-alto-alemão]. Foram consultadas as edições:

BRANT, Sebastian. *Das Narrenschiff - Studienausgabe*. Editado por Joachim Knape. Texto da edição de 1494. Stuttgart: Reclam, 2005.

BRANT, Sebastian. *Das Narrenschiff*. Editado por Hans-Joachim Mähl. Versão em alemão moderno, elaborada a partir da edição de 1494. Stuttgart: Reclam, 1964.

BRANT, Sebastian. *Das Narrenschiff*. Versão em alemão moderno, elaborada a partir das edições de 1494 e 1872. Wiesbaden: Marixverlag, 2004.

BRANT, Sebastian. *La nave de los necios*. Editado por Antonio Regales Serna. Tradução da edição de 1854. Madrid: Akal, 1998.

Esta tradução guia-se pelo propósito de verter para o português o texto original de Sebastian Brant, tendo em vista principalmente a acessibilidade ao leitor brasileiro contemporâneo. Por isso, optou-se pela versão em prosa, abrindo-se mão da versificação e metrificação empregadas pelo autor,

as quais costumam ser mantidas nas versões para o alemão moderno.

O frequente recurso do autor a expressões linguísticas, ditados populares, passagens bíblicas, referências a autores da Antiguidade, bem como a dados históricos e mitológicos, confere ao texto de *A nau dos insensatos* um caráter por vezes cifrado e menos transparente ao leitor de nossos dias. O acréscimo de informações e comentários em rodapé pretende enriquecer a leitura, auxiliando para que se saboreie de modo mais fluente a sátira de Brant.



Texto na estampa: "A nau dos insensatos – Rumo à Insensatolândia! – Sejam todos alegres – Segui por aqui – A bordo! A bordo, irmãos! Vamos partir! Vamos partir!"



*Hi sunt qui descendunt mare in navibus facientes opationem in aquis multis. Ascendunt usque ad caelos et descendunt usque ad abyssos anima eorum in malis tabescebat. Turbati sunt et moti sunt sicut ebrius: et omnis sapientia eorum devorata est.**

Texto na estampa: "A nau dos insensatos – Rumo à Insensatolândia! – Sejam todos alegres – Doutor Grifo". Doutor Grifo é personagem fictício, que reaparece nas estampas 76 e 108; se faz alusão a alguma figura histórica, não é certo.

* Salmos 106, 23; Salmos 106, 26; Salmos 106, 27.

PRÓLOGO À NAU DOS INSENSATOS

Que seja de utilidade e sirva de salutar ensinamento, de estímulo à conquista de sabedoria, juízo e bons costumes, assim como à emenda e punição da insensatez, cegueira, desacerto e inépcia dos homens e mulheres de todas as condições. Recolhido na Basileia com especial dedicação, esforço e seriedade por Sebastian Brant, doutor em Direito Civil e Direito Canônico.

Todos os Estados³ encontram-se agora saturados de escrituras sagradas e de tudo o que se destina à salvação da alma: tanto a Bíblia, que traz os ensinamentos dos santos padres, como livros de toda sorte, em tal quantidade que me causa estranheza que não tenham aprimorado ninguém. Ao invés disso, a Escritura e os preceitos são recebidos com desprezo, e o mundo inteiro continua mergulhado em trevas e cometendo pecados às cegas. Todas as ruas e travessas estão apinhadas de insensatos; eles vivem entregues às maiores tolices, mas não aceitam serem chamados de néscios. Por isso, pensei em como embarcar os insensatos na nau: serão necessários galé, veleiro, gripo, barqueta, escuna, canoa, cimba, draga, chalupa, e ainda trenó, carreta, carrinho de mão, carroça, pois um bar-

3. Brant refere-se aos *Länder* ou Estados do Sacro Império Romano-Germânico, que remonta a Carlos Magno (coroado imperador em 800 d.C. pelo Papa Leão III) e que durou até a invasão por Napoleão em 1806. Os Estados eram de variados tipos, havendo entre eles reinos, principados, ducados, grão-ducados, etc.

co apenas não seria o bastante para levar a multidão de néscios. O número é tão grande que, como um enxame de abelhas em voo, vários correm por toda parte em busca de transporte para a travessia e, sem encontrá-lo, tentam nadar até o navio. Cada qual deseja ser o primeiro a chegar. Muitos tolos e néscios conseguem subir a bordo e deles eu fiz aqui um retrato. Aqueles que não tiverem apreço pela escrita e os que não souberem ler irão reconhecer sua própria essência no desenho⁴ e poderão ver como são, a quem se igualam e o que lhes falta. Chamo-o de Espelho dos Insensatos, pois nele cada tolo se vê refletido: quem aí se mira, conhecerá como realmente é. Quem olhar diretamente para sua imagem no espelho perceberá que não deve tomar-se por douto ou presumir ser o que não é, pois não há entre os vivos quem não tenha falhas ou quem possa afirmar que é um sábio e não um parvo.

Quem reconhecer a si mesmo como tolo, logo será colocado ao lado dos sábios, mas quem insistir na própria sapiência não passa de um fátuo, um compatriota dos néscios, que fará bem em tomar como companheiro este livrinho. Nele não faltam insensatos: todos encontram aqui a carapuça que lhes serve; também descobrem para o que nasceram e porque são tão numerosos os palermas, quantas honras e felicidades são recebidas pela sabedoria e quão lamentável é a condição dos tolos. Aqui se vê como anda o mundo, e por isso o livrinho é tão bom de se comprar. Para brincadeiras, lamentações e todo tipo de trivialidade, há aqui insensatos ao gosto de qualquer pessoa. Um sábio encontra aquilo que lhe apraz; um tolo se satisfaz com os mexericos sobre seus próximos. Aqui temos todos os tipos de palermas, sejam ricos ou pobres, lé com lé, cré com cré, cada qual encontra seu igual. Eu costuro o gorro,⁵ e muitos usam-no sem preocupações. Mas se eu fosse chamá-los de insensatos, afirmariam que os confundi com outra pessoa. Contudo, faço votos de que todos os sensatos possam en-

4. As xilogravuras que acompanham o texto.

5. O gorro é atributo característico dos tolos. Em língua alemã existe o provérbio "Jedem Narren gefällt seine Kappe" ["Cada tolo está satisfeito com seu gorro"], cujo sentido é: cada um gosta de suas próprias peculiaridades.

contrar aqui algo que os deleite, e então digam com convicção que meu relato é certo e apurado. E como estou persuadido de meu testemunho, pouco me importam os néscios: eles que ouçam aqui a verdade, ainda que ela não lhes agrade. Como já disse Terêncio,⁶ quem diz a verdade é recebido com ódio,⁷ quem muito assoa o nariz acaba expelindo sangue, e quem estimula a cólera não raro faz correr o fel. Por isso não dou ouvidos aos que falam pelas costas ou que lançam injúrias contra bons ensinamentos. Não me faltam tais parvos que não aceitam palavras de sabedoria; este livrinho está repleto deles. Contudo, peço a todos que dediquem mais atenção ao bom-senso e à honra do que a mim e a minha singela composição. Certamente não foi sem esforço que reuni tamanha coleção de simplórios. Em muitas noites cheguei a velar, enquanto aqueles em quem pensava dormiam ou se dedicavam ao jogo e ao vinho e pouco se ocupavam de mim. Uma parte andava pela neve de um lado a outro em trenós, regelando até os ossos; outra parte estava entregue a travessuras; ainda outros calculavam o prejuízo que haviam sofrido naquele mesmo dia e os ganhos que esperavam poder obter, e como na manhã seguinte pretendiam mentir com loquacidade, vender e trapacear a quantos pudessem. E para ponderar sobre essa gente, de modo a me satisfazer com o tom, a palavra e a obra como um todo, não é de se estranhar que muitas vezes eu ficasse em vigília, sem que ninguém o suspeitasse e assim censurasse meu trabalho. Que se mirem todas as pessoas nesse espelho, homens e mulheres, pois ele é feito para todos: não somente os homens são parvos; também há muitas parvas, e são suas toucas, véus e mantilhas⁸ que cubro aqui com gorros de néscios. Moças também têm trajés de bobo, pois agora insistem em usar o que entre os homens sempre foi escandaloso: sa-

6. Publius Terentius Afer (195/185-159 a.C.), conhecido como Terêncio, foi um dramaturgo nascido em Cartago (Norte da África) e levado a Roma como escravo. Após sua libertação, foi autor de seis comédias, escritas na tradição grega da Comédia Nova.

7. Na primeira peça de Terêncio (*Andria*, de 166 a.C.) está dito que “Veritas odium parit” [“A verdade gera o ódio”].

8. Trata-se aqui do véu usado pelas freiras.

patos pontiagudos⁹ e golas tão decotadas que não conseguem esconder o mercado de leite; elas entrelaçam muitas tiras de pano em suas tranças e fixam chifres à cabeça,¹⁰ como outrora se viam apenas à testa de robustos touros; tais adereços nada mais fazem que torná-las parecidas com animais selvagens. Fora isso, rogo o perdão das senhoras recatadas, pois jamais pensei nelas com qualquer palavra maliciosa. Mas não serão poupadas as mulheres impudicas, das quais um bom número se encontra na nau dos insensatos. Portanto, que todos fiquem de prontidão para procurarem a si mesmos no livro; quem não se encontrar poderá dizer que está livre do gorro e do bordão.¹¹ Quem acredita estar fora do meu alcance, que fique à porta, junto com os doutos, e lá aguarde com paciência até que eu lhe traga um gorro de Frankfurt.¹²

9. Surgidos em torno de 1360, os sapatos masculinos pontudos foram ficando cada vez mais alongados, chegando as pontas mais exageradas a medir 45 cm. O exagero dessas pontas levou o rei inglês Eduard III a estabelecer uma multa aos nobres que as usassem. A moda dos *crackowes* ou *poulaines*, como eram chamados os sapatos pontudos, durou pelo séc. XV adentro.
10. Adorno introduzido por volta de 1410, que consistia em uma estrutura de arame com duas pontas, semelhantes a chifres, nas quais era preso um véu.
11. O bordão e o gorro são os dois acessórios mais característicos do tolo.
12. O autor refere-se à feira de Frankfurt.



À dança dos parvos eu me uno, colocando-me na dianteira do desfile, pois vejo ao meu redor uma montanha de livros que não leio e nem consigo entender.



[1]

DOS LIVROS INÚTEIS

Que me encontro sentado na proa do navio é algo especialmente engraçado e que com certeza tem sua justa causa. Por livros tenho grande apreço e deles possuo um volumoso tesouro. Embora pouco compreenda do que está escrito em qualquer um deles, venero minha biblioteca e não permito que uma mosca sequer lhe cause mal. Quando alguém fala em ciências e artes, logo digo: “Em minha casa tenho-as aos montes!” Afinal, para contentar meu espírito já é suficiente que eu esteja circundado de livros. Conta-se que Ptolomeu¹³ possuía os livros do mundo inteiro e que os considerava seu maior tesouro; no entanto, nunca encontrou a verdadeira doutrina e dela não extraiu qualquer lição. Eu tenho muitos livros, assim como ele, e pouco os leio. Por que eu haveria de dar tratos à bola e esforçar-me por aprender e ganhar conhecimento? Ora, quem muito estuda torna-se lunático! Eu sou um senhor de posses, portanto, posso dar-me ao luxo de pagar alguém que estude em meu lugar. Ainda que meu espírito esteja embotado, quando encontro os eruditos posso simplesmente exclamar: “*Ita!* De fato!” Fico feliz de pertencer aos falantes de alemão, já que pouco sei de latim. Decerto sei que *vinum* significa “vinho”, *cuculus* é um cuco, *stultus* um estúpido, e que meu título é “*Dominus doctor*”.¹⁴ Minhas orelhas são pequenas; se não fossem, estaria entre os jumentos do moleiro.

13. Durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo (aprox. 309-246 a.C.) no Egito, foi fundada a Biblioteca de Alexandria, destinada a reunir em papyrus todos os livros da época.

14. Senhor doutor.

Quem espera ter poder no Conselho e se deixa levar pelos ventos que ora estão soprando torna-se uma rês no caldeirão alheio.



[2]

DOS BONS CONSELHOS

Muitos são aqueles que não medem esforços para logo fazerem parte do Conselho, embora nada saibam de Direito e andem às cegas junto das paredes. O bom Husai foi sepultado enquanto Aitofel se tornou conselheiro.¹⁵ Quem deve julgar e dar conselhos de maneira íntegra, que se guie pela Justiça, ao invés de ser o mero bastão com que se conduz a rês ao caldeirão.¹⁶ Estou convencido de que não é correto o conselho que não tem seu fundamento na Justiça. Quem aconselha deve agir de acordo com o que é melhor, e investigar o que não sabe, caso contrário estará em desacordo com o que é justo e ficará em apuros diante da Justiça de Deus. Com ela não se brinca! Se todos soubessem o que vem a seguir, não teriam tanta pressa em julgar, pois cada um será medido com a régua que ele próprio usou.¹⁷ Assim como tu me medires e como eu te medir, assim Deus irá medir a mim e a ti. Cada um irá aguardar em seu túmulo pelo julgamento que Ele mesmo já tiver dado. E quem tiver condenado a muitos já tem a sua sorte tirada: a pedra que arremessou virá cair sobre sua cabeça! Aqueles que não souberem guiar-se pela Justiça aqui, lá serão duramente com ela confrontados: perante Deus não prevalecem força ou cautela, nem conselho ou esperteza.¹⁸

15. Samuel, 2, 15-18: Husai foi fiel a Davi, enquanto Aitofel aconselhou Absalão contra seu pai.

16. Ver estampa 2.

17. Mateus 7, 2.

18. Provérbios 21, 30.

*Quem aposta todas as suas cartas nos bens mundanos,
esperando assim encontrar alegrias e alento, é um tolo da
cabeça aos pés.*



Texto na estampa: "Piedade, Senhor".

[3]

DA COBIÇA

Insensato é todo aquele que acumula bens, mas não tem paz nem alegria, e não sabe quem herdará tudo isso quando chegar o momento de empreender sua viagem ao porão sombrio. Um insensato maior ainda é quem dissipa com pompa e leviandade aquilo que Deus lhe presenteou, aquilo de que é o único responsável e pelo que haverá de prestar contas, podendo perder algo muito mais valioso do que um pé e uma mão.¹⁹ Um tolo deixa avultada herança para seus amigos; não cuida de prover para sua alma e teme que lhe falem bens mundanos, sem preocupar-se com sua manutenção na eternidade. Oh, pobre néscio, tu és cego: foges da cruz e acabas na caldeirinha! Muitos caem em pecado para apoderar-se de bens alheios; por isso vão arder no inferno. Seus herdeiros consideram-no de pouca monta; eles não ajudariam sequer com uma pedra e não ofereceriam um único arrâtel²⁰ para aliviar sua sentença nas profundezas do inferno. Para a glória de Deus, dá, uma vez que estás vivo; e quando morreres, outro será senhor de tuas posses. Jamais um sábio almejou ser rico aqui na terra, preferindo, ao contrário, conhecer a si mesmo. Quem é sábio possui em verdade uma riqueza multiplicada! Ao final, Crasso bebeu o ouro pelo qual tanto ansiou;²¹ já Crates²² jogou seu dinheiro ao mar, pois achava que o importunava ao estudar. Quem acumula coisas passageiras confina a alma em um túmulo feito de excrementos e imundices.

19. Referência à severa penalidade de ter um pé e uma mão decepados. Tratava-se de castigo especialmente humilhante, pois a mão direita era usada para manejar a espada, e o pé esquerdo era necessário para montar o cavalo: na Idade Média, alguém sem qualquer desses membros era tido como imprestável ou indigno.
20. Medida de peso equivalente a 459g. Antigamente o valor das moedas dependia de seu peso.
21. Marco Licínio Crasso (aprox. 115-53 a.C.) foi um político romano que, juntamente com César e Pompeu, integrou o primeiro triunvirato. Liderou campanha militar contra os Partos, que o derrotaram na batalha de Carrhae. Conta-se que os Partos teriam obrigado Crasso a ingerir ouro líquido, como castigo por sua ambição desmedida.
22. Crates de Tebas (aprox. 365-285 a.C.) foi um filósofo helenístico.